

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 17. ed. [Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves] São Paulo: Loyola, 1992.

A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA THE POST-MODERN CONDITION

Samara Simon CHRISTMANN¹
Natália Lampert BATISTA²

David Harvey (nascido em 1935) é um geógrafo britânico marxista formado na Universidade de Cambridge. É professor universitário a *City University of New York*, que atua e trabalha com questões ligadas à Geografia Urbana. Em seu livro “Condição Pós-Moderna”, publicado originalmente em 1989, o autor aborda o Modernismo e o seu afastamento para a Pós-Modernidade, ao avaliar as transformações político-econômicas advindas do capitalismo, e também, ao explorar as mudanças em âmbito social e cultural.

Acrescenta-se que no referido livro, Harvey (1992) defende a tese de que, a partir de 1972, mudanças abissais ocorreram, transformando as maneiras de experimentar o tempo e o espaço. Assim, ocorre a ascensão de formas culturais pós-modernas, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e se inicia um novo ciclo de compressão tempo-espaço.

A obra, com orientação dialética, análise crítica e materialista, em um primeiro momento examina a passagem da modernidade para a pós-modernidade na cultura contemporânea, destacando a cidade como um espaço complexo, uma série de palcos onde múltiplos atores fundem fatos e imaginação. Nesta abordagem, o autor traz definições de modernidade, destacando-a enquanto algo efêmero e imutável, logo, contraditória. Aponta também o modernismo como um caráter essencial do acidental.

Neste sentido, segundo o autor, se buscarmos o imutável, somos forçados a deixar nossa marca no efêmero, no caótico, no fragmentado (HARVEY, 1992). O modernismo e o pós-modernismo, neste sentido, apresentaram-se claramente nos estilos de vida urbana, e ainda mais nas representações artísticas, na arquitetura e no espaço urbano, o que motiva as suas exemplificações através de imagens, descrições no decorrer do livro e do uso de autores que são referências nessas áreas.

Também, com o modernismo, todo o conhecimento passa por significativas mudanças em um curto espaço de tempo. Ele é marcado por um caráter linear e se articula com mitos que visam à ampliação da produção, da circulação e do consumo de mercadorias. Essa faceta conduz ao surgimento de movimentos contraculturais e antimodernistas, em especial, nos anos 1960.

Neste contexto, nasce o pós-modernismo como a aceitação do efêmero, do caótico, do pluralismo, e da esquizofrenia que impacta na perda (planejada) da profundidade. O pós-modernismo na cidade compreende o espaço urbano como algo fragmentado, uma colagem, que é marcado por uma pobreza simbólica, pois a grande preocupação é com a funcionalidade. Harvey (1992) destaca ainda que, nesse sentido, a arquitetura é uma forma de comunicação e a cidade o seu discurso.

¹Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Cruz Alta e Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

²Graduada em Geografia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Franciscano, Mestra e Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Com a pós-modernidade, múltiplas formas de alteridade emergem das subjetividades, do individualismo, do comercialismo e do empreendimento. O próprio pós-modernismo se define como um movimento caótico e determinado a resolver os problemas do modernismo, face que o torna uma caricatura de si mesmo (HARVEY, 1992).

Esse processo desencadeia inúmeras transformações políticas e econômicas no capitalismo, especialmente, após o final do século XX: o fordismo (e o keynesianismo) e sua passagem à acumulação flexível, que leva a mudanças nas relações de trabalho e de consumo e a emergência de forças sindicais, por exemplo. Essa nova experiência do espaço e do tempo leva a uma necessidade de discuti-los, bem como de compreender a existência de experiências individuais e coletivas.

Da mesma forma, o texto expõe as mudanças na organização da força de trabalho. Por isso, Harvey (1992) parte do modelo fordista de produção de massa (que contribuiu na estética modernista) para a acumulação flexível (integrante do discurso da condição pós-modernista), termo que designa o confronto direto com o fordismo e que permitiu maior flexibilidade nos processos e mercados de trabalho, nos produtos e padrões de consumo. Desta forma, é questionado se o pós-modernismo representa o afastamento de modos de pensar a condição social, ou se reflete a mudança da maneira de operação do capitalismo.

Harvey (1992), também discute o projeto Iluminista, ao destacar o conceito de compressão espaço-tempo e de Cartografia, enquanto linguagem, bem como os estudos de Lefebvre. Percebe-se que o projeto Iluminista conduz à ascensão do pós-modernismo como força cultural, e leva a entender que as crises não se vinculam necessariamente a natureza ou a vontade divina, mas sim, que são reflexo do sistema. Mais do que isso, ressalta a contribuição das novas tecnologias, das mídias (TV e cinema) e do capital na percepção e na intervenção no espaço e no tempo. Estes se revelam como fator dominante para a representação do mundo cultural, que passa a se preocupar com signos e imagens.

O espaço-tempo também é colocado como fonte de poder social, e, de acordo com Harvey (1992), quem domina o espaço, pode controlar a política de lugar. Para ele, a nova experiência do espaço e do tempo advém de práticas e processos materiais de reprodução social. Porém, para cada modo de formação social pode se incorporar concepções diferentes sobre os termos, a saber, modernismo e pós-modernismo. Ponto esse que é foco de lutas de classes/sociais.

Deste modo, como explorou David Harvey, tanto o Modernismo como o Pós-Modernismo tiveram suas contradições nas formas como se manifestaram ao mundo, pois ambos refletem o conjunto de mudanças que decorreram expressivamente da atividade capitalista. Porém, são termos de grande complexidade que tiveram a sua representatividade no espaço-tempo, ao manifestar as suas características além da economia, na política, na cultura, na sociedade e na tecnologia.

Além disso, no final da obra, destacou-se que a condição pós-moderna é uma condição histórica. Nas palavras do autor: “[...] o pós-modernismo pode ser considerado uma condição histórico-geográfica de certa espécie. Mas que espécie de condição é ele e como deveríamos compreendê-la? É ele patológico ou o presságio de uma revolução dos eventos humanos mais profundos e até mais amplos do que as já ocorridas na geografia histórica do capitalismo?” (HARVEY, 1992, p. 294).

Desta maneira, entre os esboços de respostas possíveis essas perguntas, Harvey (1992) salienta que a economia passa a ser a economia dos espelhos e o pós-modernismo o espelho dos espelhos. Por isso, o pós-modernismo flexível resulta da interpretação de tendências opostas no capitalismo como um todo, em contradição com o modernismo fordista, que desencadeou a lógica transformativa e especulativa do capital (como processo).

Portanto, o pós-modernismo foi reforçado pelas atividades dos desconstrucionistas; equivale a uma negação da complexidade do mundo e a uma inclinação a representar essa complexidade com alto grau de simplificação; é um nicho intermediário para a vida intelectual e política que recusa a grande narrativa; tenta compreender a compressão do tempo-espaço mediante a construção de uma linguagem e de imagens capazes de espelhá-la e, quem sabe, dominá-la (HARVEY, 1992).

Contudo, há uma renovação do materialismo histórico e do projeto do Iluminismo, o que faz com que “as rachaduras nos espelhos” sugiram que a condição da pós-modernidade passará por uma súbita evolução, talvez alcançando um ponto de autodissolução em alguma coisa diferente. Logo, para compreender a significação das mudanças relevadas, por meio das concepções do materialismo histórico, é necessário ampliar o campo de compreensão da alteridade, das relações do espaço e do tempo e das práticas estéticas e culturais (reconhecendo a produção de imagens e discursos).

Resenha recebida em 09-09-2016
Resenha aceita para publicação em 18-11-2017